



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

A DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Franciele Roos da Silva Ilha – Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

O presente texto traz reflexões que buscam apresentar as diferentes perspectivas epistemológicas da Educação Física e suas implicações com a prática educativa na escola básica. Alicerça-se na abordagem qualitativa, utilizando-se como método de pesquisa o levantamento bibliográfico para embasar a discussão teórica apresentada. Compreendemos que a Educação Física foi constituída historicamente como um campo de conhecimento com diferentes epistemologias que embasam as perspectivas ou formas de ser da educação física. Tais perspectivas delineiam objetos de estudo que repercutem na condução e delineamentos das práticas educativas na escola, podendo configurar-se com propostas críticas, acríicas e pós-críticas. Conhecer as correntes epistemológicas que delineiam as diferentes perspectivas e formas de ser da Educação Física possibilita mapear criticamente o que se pretende com o componente curricular a partir do que é apresentado em políticas educacionais e nos textos que legislam sobre a educação nos estados e municípios, permitindo o embasamento teórico-metodológicos dos projetos políticos pedagógicos da escola e do planejamento didático da Educação Física.

Palavras-chave: Epistemologia, Currículo, Prática educativa.

INTRODUÇÃO

A discussão epistemológica na/da Educação Física envolve intensas disputas no debate da (in)definição acerca do seu estatuto científico, da sua identidade epistemológica e do seu objeto de estudo. Não há consenso entre os pesquisadores em torno de como a Educação Física vem se constituindo em termos epistemológicos, quais são suas bases teórico-metodológicas, como ela vem delineando-se no campo da produção do conhecimento.

No bojo do estatuto epistemológico, encontram-se na literatura diferentes termos que foram e alguns ainda são definidos como os objetos de estudo ou espectros delimitantes na pesquisa e intervenção da Educação Física, tais como: corpo, movimento humano, atividades físicas, movimento corporal, cultura física, cultura esportiva, cultura corporal, práticas corporais, cultura motora, cultura de movimento e cultura de movimento. Dentre esses, os delineamentos mais aceitos atualmente (Bracht, 1997; Galvão, Rodrigues, Neto, 2011) e que têm contemplado a diversidade do campo envolvem a tríade: corpo, movimento e cultura, isto é, a cultura corporal de movimento tem se afirmado como lócus de investigações e práticas sociais na Educação Física.

Sendo assim, emerge o problema de pesquisa: Como a discussão epistemológica da Educação Física atinge as práticas educativas na educação básica?

Portanto, esse texto tem como objetivo apresentar reflexões adas diferentes perspectivas epistemológicas da Educação Física e suas implicações com a prática educativa na escola básica.

METODOLOGIA

Este trabalho alicerça-se na abordagem qualitativa, utilizando-se como método de pesquisa o levantamento bibliográfico para embasar a discussão teórica apresentada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pensamento epistemológico da Educação Física brasileira historicamente foi constituído por crises da sua identidade, que embasam campos epistemológicos distintos (Bracht, 1993, Bracht, 1999, Lima 200). Na década de 80, período de redemocratização brasileira, se caracterizou por uma crítica político-ideológica, e a outra na década de 90, considerada como uma crise epistemológica. A primeira voltada aos questionamentos acerca da função sócio-política da Educação Física na sociedade brasileira, e a segunda, decorrente daquela, ligada a questões como as de ordem da produção do conhecimento e do seu estatuto científico. Nesse período, surgem questões como: Educação Física é ciência? Qual o seu objeto? Qual é o lugar da Educação Física no espectro dos saberes? Tais questionamentos se fizeram presentes neste debate, imprimindo o estado de indefinição epistemológica da Educação Física como o principal sintoma da sua crise de identidade.

Acompanhado a esse questionamento, surge outro que instiga o entendimento de uma identidade singular da área: O que é Educação Física? Fensterseifer (2009) afirma que é impossível responder de modo definitivo esta pergunta. Acredita-se que de modo definitivo realmente é difícil, não impossível (isso dependerá da fundamentação teórica para abordar tal questão). Nesse sentido, Caparroz (2007) alerta sobre a ambiguidade histórica da área, a qual desencadeou uma diversidade de possibilidades conceituais que definem a Educação Física a partir de um determinado campo epistemológico.

Nessa linha de pensamento, entendemos que o questionamento do que é Educação Física pode ser respondido de diferentes formas a partir da assunção de determinada concepção ou

perspectiva de Educação Física, de modo que tais concepções estão implicadas em certos delineamentos epistemológicos e seus objetos de estudo. Deste modo, podemos pontuar três eixos epistemológicos que contemplam grupos de perspectivas de educação física, ou formas de se fazer educação física, que se aproximam pelo critério de criticidade.

O eixo acrítico agrupa formas de se fazer educação física sinalizadas como militarismo, higienismo, eugenismo, o pedagogicismo, recreacionismo, esportivismo na Educação Física, assim como pelas perspectivas psicomotricista, desenvolvimentista, construtivista-interacionista. O eixo crítico é conhecido na Educação Física pela perspectiva crítico-superadora e crítico-emancipatória. Já o eixo pós-crítico pode ser sinalizado pela perspectiva cultural. A seguir apresentamos um quadro que delinea os objetos de estudo, o eixo epistemológico e a área base de cada perspectiva ou forma de se fazer educação física.

Quadro 1. Perspectivas e formas de se fazer educação física e seus objetos de estudo.

Perspectiva	Objeto de Estudo	Eixo epistemológico	Área base
Militarismo	Exercício físico	Acrítico	Nenhuma
Higienismo	Exercício físico	Acrítico	Medicina
Eugenismo	Exercício físico	Acrítico	Medicina
Pedagogicismo	movimento	Acrítico	Educação
Recreacionismo	Práticas de recreação	Acrítico	Nenhuma
Construtivista-interacionista	jogo	Acrítico	Psicologia
Desenvolvimentista	Desenvolvimento motor	Acrítico	Aprendizagem motora
Crítico-superadora	Cultura corporal	Crítico	Sociologia
Crítico-emancipatória	Cultura corporal de movimento	Crítico	Sociologia
Cultural	Práticas corporais de significação	Pós-crítico	Filosofia

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

O quadro acima, aponta como o componente curricular foi compreendido ao longo da história. De um lado, se tem perspectivas que se debruçam na resposta instrumental à uma necessidade imediata da sociedade. Aponta a saúde, o desenvolvimento motor, e o olhar sobre o movimento de forma utilitarista, sem trato pedagógico aproximado com a educação. Numa tentativa individual de preparar o corpo para uma sociedade sem olhar os contextos do sujeito.

Já o caminhar pelas perspectivas críticas possibilitam o olhar sobre o sujeito contextualizado, apontando relações e correlações entre o ser humano e o meio ambiente onde

ele vive. Possibilitando críticas no campo sociocultural para analisar como o ser humano interfere e é interferido pelo seu mundo vivido. Por fim, a perspectiva pós-crítica envolve o olhar situado para a educação física enquanto uma produção cultural que precisa ser ressignificada a cada contexto, analisando criticamente as formas com que as práticas corporais têm sido realizadas ao longo do tempo.

Estas formas de pensar, que estamos chamando de perspectivas ou formas de ser da Educação Física escolar são debatidas nos currículos de formação de professores, ao pontuarem formas de como tratar os objetos da Educação Física a partir de cada uma delas. É neste momento, que o cotidiano escolar é evidenciado em busca de materializar-se nas propostas de ensino, pois cada perspectiva vai delinear seus respectivos métodos nas práticas educativas.

Acompanhado a esse debate, a ideia tratada internamente no campo de conhecimento sobre o cientificismo da Educação Física ganha potência e ao mesmo tempo fragmenta o pensar que busca as respostas já apontadas. Nessa direção, Lima (2000) e Bracht (2000) indagam o interesse e a necessidade de tornar a Educação Física uma ciência, explicando que a intenção em torná-la uma prática científica se baseia na valorização atribuída à ciência na cultura ocidental. Quanto à pretensão de cientificidade, parte-se do pressuposto de que a Educação Física não é uma ciência, mas um campo de conhecimento e de intervenção profissional, social, os quais, para Galvão, Rodrigues e Neto (2011) podem sim dialogar. Um diálogo que não ocorre pela aplicação dos conhecimentos científicos nas práticas sociais, mas pela problematização dos saberes no cotidiano de intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate apresentado neste texto, nos possibilita entender que a Educação Física foi constituída historicamente como um campo de conhecimento com diferentes epistemologias que embasam as perspectivas ou formas de ser da educação física. Tais perspectivas delineiam objetos de estudo que repercutem na condução e delineamentos das práticas educativas na escola, podendo configurar-se com propostas críticas, acríicas e pós-críticas.

Diferentes formas de pensar a Educação Física é uma preocupação especificamente deste campo de conhecimento. Entendemos que existe uma tentativa de legitimar a Educação física a partir do processo de compreendê-la como ciência, um movimento que não atravessa o cotidiano do professor dentro da escola. Emergindo assim, um afastamento entre o campo teórico e a prática educativa na Educação Física.

Entretanto, conhecer as correntes epistemológicas que delineiam as diferentes perspectivas e formas de ser da Educação Física possibilita mapear criticamente o que se pretende com o componente curricular a partir do que é apresentado em políticas educacionais e nos textos que legislam sobre a educação nos estados e municípios, permitindo o embasamento teórico-metodológicos dos projetos políticos pedagógicos da escola e do planejamento didático da Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, p.53-63, 2000.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V. “Educação Física/Ciências do Esporte: que Ciência é Essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: v.14, n.3, p.111-118, 1993.

CAPARROZ, F.E. **Entre a educação física na escola e a educação física como componente curricular**. Campinas: Autores Associados, 2007.

FERNSTERSEIFER, P. Linguagem, hermenêutica e atividade epistemológica na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 243-256, outubro/dezembro de 2009.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L.H.; NETO, L.S. Cultura corporal de movimento. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p.25-36.

LIMA, H.L.A. Pensamento Epistemológico da Educação Física Brasileira: das controvérsias acerca do Estatuto Científico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: v.21, n.2/3, p.95-102, 2000.